



RELIGIOSIDADE E CULTURA AFRO-BRASILEIRA NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE

*José Geraldo da Rocha¹
Idemburgo Frazão Felix²
Jacqueline de Cássia Pinheiro Lima³*

RESUMO

A produção de conhecimento à luz das práticas socioculturais a cada dia se manifesta como um dos grandes desafios na contemporaneidade. É uma tarefa interdisciplinar em função das múltiplas facetas da realidade encontrada no campo de pesquisa. *Religiosidade e cultura afro-brasileira na formação da identidade* é resultado de um projeto de extensão desenvolvido por uma equipe interdisciplinar de pesquisadores da Unigranrio, por intermédio de um edital Faperj, na região de Conservatória, Ipiabas e Barra do Piraí, cujo objetivo foi investigar a relevância dos elementos culturais na formação da identidade dos moradores daquela região. A pesquisa evidenciou os traços marcantes da religiosidade afro-brasileira presente nos espaços de manifestações culturais locais como jongo, capoeira e quilombo; bem como a consciência negra por meio da atuação dos Agentes de Pastoral Negros na igreja católica. A realidade explicitou uma grande riqueza fruto de processos de resistência da cultura negra.

Palavras- Chave: Religiosidade; Cultura; Identidade.

RELIGIOSITY AND AFRO-BRAZILIAN CULTURE IN THE FORMATION OF THE IDENTITY

Abstract

The production of knowledge in the light of sociocultural practices every day manifests itself as one of the biggest challenges in contemporary times. It is an interdisciplinary task because of the multiple facets of the reality found in the search field. *Religiosity and africanBrazilian culture in identity formation* is a result of an extension project developed by an interdisciplinary team of researchers from Unigranrio, by means of an edict Faperj in the region of Conservatória, Ipiabas

¹ Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Professor da Graduação e do Mestrado em Letras e Ciências Humanas da UNIGRANRIO. Professor associado do Projeto “Estudo das relações das representações sociais das manifestações musicais com o cotidiano de Conservatória, Ipiabas e Região”, apoiado pela FAPERJ. rochageraldo@hotmail.com

² Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professor da Graduação e do Mestrado em Letras e Ciências Humanas da UNIGRANRIO. Coordenador do Projeto “Estudo das relações das representações sociais das manifestações musicais com o cotidiano de Conservatória, Ipiabas e Região”, apoiado pela FAPERJ. idfrazao@uol.com.br

³ Pós-Doutora em História, pela UERJ; Doutora em Sociologia, pelo IUPERJ; Mestre em História pela PUC - Rio; Graduada em História pela UERJ. Professora e Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras e Ciências Humanas da UNIGRANRIO. Professora Associado do Projeto “Estudo das representações sociais das manifestações musicais com o cotidiano de Conservatória, Ipiabas e Região”. jacapili@ig.com.br



and Barra do Pirai, whose objective was to investigate the relevance of cultural elements in the formation of identity of the inhabitants of that region. The research showed the marked traits of african-Brazilian religiosity present in spaces of local worship manifestations as jongo, capoeira and maroon; as well as black consciousness through the work of Pastoral Agents Blacks in the Catholic Church. The reality explained a great wealth fruit of resistance processes of black culture.

Keywords: Religiosity, Culture, Identity.

RELIGIOSITÉ ET CULTURE AFRO-BRÉSILIENNE DANS LA FORMATION DE L'IDENTITÉ

Résumé

La production de connaissances à la lumière des pratiques socioculturelles chaque jour se manifeste comme un grand défi à l'époque contemporaine. C'est une tâche interdisciplinaire en raison des multiples facettes de la réalité trouvée dans le champ de recherche. Religiosité et de la culture afro-brésilienne dans la formation de l'identité est le résultat d'un projet d'extension développé par une équipe interdisciplinaire de chercheurs d'Unigranrio, au moyen d'un édit FAPERJ, dans la région du Conservatória, Ipiabas et Barra do Pirai, dont le but était d'étudier l'importance des éléments culturels dans la formation de l'identité des habitants de cette région. La recherche a montré les caractéristiques marquant de la religiosité afro-brésilienne présente dans les espaces de manifestations de culte locales comme jongo, capoeira et quilombo, bien comme la conscience noire à travers du travail des Agents de la Pastorale Noire dans l'Église catholique. La réalité a expliqué une grande richesse fruit de processus de résistance de la culture noire.

Mots-clés: religiosité, de la culture, de l'identité.

RELIGIOSIDAD Y CULTURA AFRO-BRASILEÑA EN LA FORMACIÓN DE LA IDENTIDAD

Resumen

La producción de conocimiento a la luz de las prácticas socioculturales a menudo se manifiesta como uno de los grandes desafíos en la contemporaneidad. Es una tarea interdisciplinar en función de las múltiples caras de la realidad que se encuentran en el campo de pesquisa. Religiosidad y cultura afro-brasileña en la formación de identidad son resultados de un proyecto de extensión desarrollado por un equipo interdisciplinar de pesquisadores de la Unigranrio, por intermedio de una convocatoria Faperj, en la región de Conservatória, Ipiabas y Barra do Pirai, cuyo objetivo fue investigar la relevancia de los elementos culturales en la formación de la identidad de los habitantes de aquella región. La pesquisa enseñó los rasgos marcantes de la religiosidad afro-brasileña presente en los espacios de manifestaciones culturales locales como "jongo", capoeira y quilombo; bien como la conciencia negra por medio de la actuación de los Agentes de la Pastoral Negros en la iglesia católica. La realidad explicitó una gran riqueza fruto de procesos de resistencia de la cultura negra.

Palabras-clave: Religiosidad; Cultura; Identidad.



RELIGIOSIDADE E CULTURA AFROBRASILEIRA NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE

A cada dia crescem os desafios da interdisciplinaridade no fazer acadêmico. A contemporaneidade tem demonstrado que em um contexto de processos globalizantes, a interação de saberes constitui-se em elemento indispensável na busca de soluções para as grandes questões da humanidade.

Produzir conhecimento é uma das mais nobres tarefas da atividade humana. Disseminá-lo, é papel de todos nós, e de um modo particular, nós que exercemos nossas atividades a partir da academia. Nesse espaço, a interdisciplinaridade é uma exigência na contemporaneidade, uma vez que a articulação de teorias e práticas se manifesta cada vez mais como desafio numa perspectiva integradora.

A interdisciplinaridade surge como uma necessidade prática de articulação dos conhecimentos, mas constitui um dos desafios ideológicos mais importantes sobre o atual desenvolvimento das ciências a partir de uma articulação teoria e metodologia que se propõe a colaborar para o avanço do conhecimento, bem como para a resolução de problemas práticos (CANDIDO, 2011, p. 506-507).

A realidade social, com seu modo dialético de ser, atua como fundamento básico da interdisciplinaridade na produção do conhecimento, em virtude do fato do ser humano ser um ser social, tanto como sujeito, quanto objeto do conhecimento. Nesse contexto, conceber a interdisciplinaridade “implica mais profundamente, a adoção de uma nova postura intelectual em face da natureza complexa dos problemas com os quais o cientista contemporâneo se confronta” (RAYNAUT, 2011, p. 70).

No contexto da complexidade dos problemas vamos nos deparar com aqueles relacionados ao reconhecimento e valorização dos aspectos identitários. Isso nos levou ao desenvolvimento de uma atividade de extensão no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Letras e Ciências Humanas da Unigranrio na região de Conservatória, Ipiabas e Barra da Piraí. Tal região é também conhecida como Vale do Café. Uma equipe interdisciplinar formada por professores da área de história, literatura e teologia, em contato com os atores locais, se debruçou por dois anos prescrutando a realidade cultural e suas interfaces com os processos de formação das identidades. O presente texto está mais voltado para os aspectos identitários relacionados às culturas negras na região, sobretudo naquilo que perpassa suas religiosidades.



Conservatória, conhecida nacional e internacionalmente em função da Seresta, está localizada no Município de Valença. Do ponto de vista da identidade cultural, o distrito é mais famoso que a sede do Município. Já Ipiabas, um lugarejo acolhedor, com relevância cultural destacável, pertence ao Município de Barra do Piraí. Trata-se de um lugar com grande riqueza histórica. São fazendas dos tempos coloniais, com alguns casarões artigos construídos pelos escravos.

Os elementos constitutivos da identidade da região se expressam no modo de viver do povo. Na religiosidade, destaca-se a Igreja católica, cujo templo maior foi construído no século XIX. Ainda hoje é o local de encontro da comunidade católica de Ipiabas. As celebrações acontecem aos domingos e datas festivas do calendário litúrgico. Uma vez por mês aos domingos, a comunidade conta com a presença do padre que realiza a celebração da missa. Nos demais domingos a celebração é conduzida pelos ministros da eucaristia, membros da própria comunidade.

A inserção da equipe de pesquisadores nas atividades de extensão, buscando identificar na região sul fluminense, aos aspectos identitários explicitados nas múltiplas manifestações culturais, realçou a questão da presença negra como realidade marcante. Muitas pessoas mais velhas contam com orgulho suas histórias, que remontam desde os tempos dos escravizados nas plantações de café – motivo pelo qual, a região é conhecida como “vale do café”. O vínculo com a religiosidade é muito forte. A presença da igreja católica na região é um traço que não passa despercebido. No decorrer de nossa pesquisa tivemos a oportunidade de participar de importantes momentos na vida eclesial da região. Destacamos, a título de exemplo, a posse de um novo bispo da Igreja católica Dom Francisco, em uma cerimônia que reuniu cerca de cinco mil pessoas.

Chamou-nos a atenção também as atividades relacionadas à consciência negra. O mês de novembro, no Brasil, a partir de 1978 vem sendo comemorado como sendo o mês da consciência negra (SILVEIRA, 2003). Tal evento está associado às lutas do movimento negro que como forma de contestação da data 13 de maio, dia da abolição legal da escravidão no país, instituiu o dia 20 de novembro, dia da morte de Zumbi dos Palmares, como sendo data digna de ser comemorada pelos negros no contexto das lutas de liberdade. Nesse sentido, ao tomar conhecimento da história do negro no Brasil, aguçava-se a consciência das lutas de resistências desenvolvidas. E conseqüentemente, aumentava-se o orgulho de pertença a um povo que lutou, resistiu, brigou e não sucumbiu aos projetos e processos de dominação conforme se quis fazer crer no processo educacional, veiculador da ideologia dominante



Denominamos *consciência negra* o processo de construção de consciência de ser enquanto negro. Não é por ser negra a consciência, que os movimentos negros falam de consciência negra. A consciência não tem cor. As pessoas sim têm cor, e muitas delas não têm consciência da cor que têm. Ditos de outra forma não conseguem, por falta de consciência de si, identificar nos processos de marginalização, discriminação e exclusão as implicações associadas à cor. Nesse contexto, os negros são vitimados e desumanizados pela sua não consciência e os brancos são desumanizados em função do jugo que impõem sobre os negros no cotidiano social. Conseqüentemente, perdemos todos nós nesse constructo social.

Afirmar a consciência negra é afirmar um processo de libertação da voz de um povo que na história do nosso país foi calado, emudecido, amordaçado pelas práticas coloniais de dominação, pelas práticas sociais de discriminação, pelas ações socioculturais de exclusão, marginalização, pela intolerância e negação da diversidade assim como da dignidade humana.

Ao afirmar a consciência negra, os afrodescendentes se inscrevem na história da sociedade brasileira como novos sujeitos. Tal concepção é muito bem explorada na obra organizada por Peter Burke (BURKE, 1992), onde se trabalha a possibilidade e a necessidade da escrita da história com novas perspectivas com novos atores ou novos sujeitos.

As ações afirmativas são frutos da afirmação da consciência negra. Essa realidade é um legado do movimento negro brasileiro, que acabou colocando na pauta do dia os debates a respeito da democratização do país. A consciência de direitos subtraídos aos negros vai levá-los a construir estratégias de reivindicação de tais direitos como elementos indispensáveis no respeito a diversidade. A esse respeito, Santos vai afirmar:

O debate sobre a democratização racial na sociedade brasileira passa, nesse início de século XXI, pela entrada dos negros na universidade. Fruto da atuação do movimento negro brasileiro, a centralidade dessa agenda promove ainda o fato de que a democratização da universidade hoje, passa também pelo debate sobre a diversidade (SANTOS, 2006, p. 21).

Seguindo uma mesma lógica de raciocínio de Santos, encontramos o texto de Ana Lucia Novaes que, ao abordar as ações afirmativas, assim se expressa:

O debate em torno das Ações Afirmativas para a superação das desigualdades na sociedade brasileira trouxe, de imediato, um benefício: a discussão aberta sobre o pré conceito racial no Brasil. A população, de um certo modo, ficou ciente de que havia um discurso, há muito denunciado pelos movimentos sociais organizados, de que no Brasil havia o racismo (...) e que a pobreza no Brasil tem cara e ela é predominantemente negra (NOVAES, 2007, p.150).

Tal consciência da relevância da luta do movimento é evidenciada no trabalho de Cardoso.

Foi por meio do trabalho incessante da denúncia, da mobilização, da organização de atividades políticas e culturais, que o movimento negro politizou as múltiplas esferas do



cotidiano da comunidade negra - cotidiano esse marcado pelo racismo, pela discriminação racial, o preconceito, a violência e as desigualdades econômicas e sociais. Com isso o movimento negro constituiu-se como sujeito coletivo e no processo constante de afirmação da sua identidade política, buscou tornar-se sujeito da sua própria história (CARDOSO, 2002, p. 170).

A afirmação da consciência negra é uma das formas de contestação desse quadro de perversidade, bem como afirmar a sua identidade. Nesse sentido, a contribuição de Stuart Hall é significativa:

A questão da identidade está sendo extensamente discutida na teoria social. Em essência, o argumento é o seguinte: as velhas identidades que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. Assim, a chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social (HALL, 2006, p. 7).

O significado do feriado de 20 de novembro não pode e nem deve ficar apenas entendido como mais um dia em que se pode dormir até mais tarde, não haverá aula nas escolas, não preciso ir ao trabalho. Não que todas essas coisas não seja também importantes. Mas é, e tem que ser mais, muito mais que isso. É oportunidade da sociedade como um todo mergulhar para dentro de si em um exercício de auto-reflexão, na perspectiva de construção de uma autoconsciência da presença e da situação em que vivem os negros no país, após 124 anos da dita “abolição”. A luta de um determinado grupo social é expressão da sua consciência. Do mesmo modo o respeito aos valores e aos direitos dos grupos que vivem em uma sociedade é expressão da consciência social coletiva. A consciência atua como pressuposto para o respeito a diferença.

O dia da consciência negra é uma evocação à compreender a realidade do negro no Brasil, bem como evocação à elaboração de uma crítica profunda ao sistema de exclusão, às formas institucionalizadas de racismo e discriminação. Serve também como possibilidade de repensar e recolocar o ser humano no seu devido lugar em relação à sua dignidade humana.

Evidentemente uma compreensão renovada implicará em novo modo de participação do negro na vida política do país. O mesmo poderá ocorrer no processo educacional. Faz parte dos direitos inalienáveis o acesso à educação. Nesse caso específico uma educação que prime pelo respeito às particularidades presentes nas culturas de matrizes africanas. Nesse contexto realizou-se, no âmbito das cerimônias religiosas, a celebração da consciência negra na igreja de São Benedito em Barra do Piraí no mês de novembro.



Era uma data especial. Impressionava a todos a decoração especial da igreja de São Benedito nesse dia. Os traços da cultura negra estavam em cada detalhe da ornamentação. Há que se destacar que nessa região o trabalho de consciência negra ligado à igreja católica está associado aos Agentes de Pastoral Negros, cuja organização em caráter regional, estadual e nacional remonta aos anos oitenta. A celebração foi presidida pelo Pe. Zé Luiz, um padre negro da cidade de Volta Redonda, é antigo agente de pastoral negro.

Entre animados cantos ao som de atabaques, pandeiros e muitas danças, a celebração foi sendo conduzida pelo padre Zé Luiz sempre relacionando a data celebrativa do calendário litúrgico – Dia de Cristo Rei- com o dia de Zumbi, rei de Palmares. No momento do ofertório o grupo de jongo que havia dançado na fazenda Ponte Alta pela tarde, foi quem conduziu a procissão das ofertas. Foi um momento muito particular naquela igreja. Pela primeira vez isso acontecia. Muitos fiéis surpresos observavam e pareciam gostar do que viam. Após a comunhão, Matilde Silva apresentou o grupo de jongo e o padre solicitou que o mesmo desse uma “palinha” do jongo ali em frente ao altar. Eles então pegaram os atabaques e apresentaram umas duas cantigas e danças. A comunidade entusiasmada aplaudiu de pé. Em seguida, o padre evocou a bênção final.

Dentre as expressões culturais de matrizes africanas na região encontramos os grupos de capoeira, cujos mestres utilizam a roda de capoeira como espaço de ensinamento de valores de socialização entre crianças, jovens e adultos. A inclusão da história da África e da cultura afro-brasileira no currículo escolar a partir do evento da lei 10.639/2003 tem motivado os educadores a buscar mecanismos de valorização das contribuições dessas culturas no processo de formação e desenvolvimento da sociedade brasileira. A capoeira pode ser concebida uma arte que disciplina o corpo, espetáculo que disciplina a mente, expressão cultural que enriquece a vida. Inventada no Brasil, a capoeira ganhou o mundo e nos tempos atuais é praticada em mais de 170 países, chegando a ser inserida na educação formal em escolas em Nova York.

Na história dos negros no Brasil a capoeira tem desempenhado um relevante papel no desenvolvimento da corporeidade e espiritualidade. Uma das suas principais características é a manutenção de uma prática secular de resistência. Em tempos de repressão e opressão aos corpos escravizados, ela atuou como forma de preparação dos corpos e mentes para construção da resistência negra. No período de escravidão ela foi desenvolvida pelos negros como forma de proteção contra a violência e a repressão dos colonizadores. Assim podiam enfrentar os castigos e as práticas de violências impostas aos escravizados pelos senhores de engenhos. Tratava-se de uma



luta proibida pelos senhores de escravos, que tinham a dimensão da importância de tal prática para os negros. A capoeira funcionava como uma arte marcial e instrumento de resistência física e cultural, pois além de manter os elementos da cultura africana, aliviava o estresse do trabalho escravo, garantindo também a manutenção da saúde corporal e mental dos negros que a praticavam.

A capoeira no Brasil está organizada em três tipos, cujas diferenciações podem ser percebidas nos movimentos desenvolvidos pelos praticantes, bem como no ritmo musical utilizado durante a sua execução. O ritmo mais antigo foi desenvolvido no tempo da escravidão e é chamado de capoeira angola. É caracterizada por um ritmo mais lento e os golpes se dão mais próximos ao chão. Nesse ritmo, os corpos exibem uma grande dose de malícia no modo de jogar. Existe, porém outro ritmo denominado capoeira regional. Aqui se trata de uma mistura de elementos da capoeira angola com os movimentos rápidos, seguindo a batida dos tambores e o som do berimbau⁴. Um terceiro ritmo de capoeira é o denominado de contemporâneo. Na atualidade é o mais praticado entre os capoeiristas nas diferentes regiões do país.

A configuração dos participantes da capoeira se dá em forma de círculo, o que ficou naturalizado como sendo a *roda de capoeira*. Segundo a compreensão dos mestres de capoeira, a disposição em forma de círculo auxilia a fluência da energia entre os participantes.

A roda é a forma de cada um ver o outro, sentir o outro, comungar com o outro. É na roda que a gente conhece o nosso companheiro de luta. Ela proporciona a troca de energia, valor fundamental na cultura afrobrasileira, e fortalece os laços de comunicação entre todos. É o lugar de cultivar e cultuar a nossa mística (Mestre Irany, 1988).

Segundo Oliveira, prefaciando o trabalho de José Milton Ferreira da Silva, *Linguagem do Corpo na Capoeira*, a roda da capoeira “aparece como representação simbólica do mundo. O que comanda é o movimento. E movimento, neste contexto, é pensamento. O pensamento na roda de capoeira é o movimento”. (SILVA 2003, p.15)

A dinâmica da roda de capoeira é sustentada por meio dos instrumentos básicos. Os tambores, os berimbaus e agogô compõem a orquestra responsável pelo espetáculo dos corpos. Nesse espetáculo, se expressa a educação física dos corpos no bailar dos movimentos. Nos movimentos são perceptíveis o grau de integralização do ser corpóreo em suas múltiplas dimensões.

⁴ Berimba, berimba, berimba, berimba berimbau. Salve o berimba, berimba salve o berimbau. Essa é uma das músicas cantadas em muitas rodas de capoeira como uma forma de exaltação do instrumento indispensável na marcação do ritmo a ser dançado.



Segundo Silva (2008), um dos primeiros movimentos estudados na capoeira é a ginga. Esta se caracteriza como o principal fundamento da capoeira como arte. “Na capoeira não há necessidade de preparar o corpo para a ação, pois com a ginga o corpo se prepara na própria ação” (p.81). Exigências como concentração, flexibilidade, força, autocontrole, astúcia, resistência, conhecimentos, educação e o cuidado são integradas e revelam uma consciência corpórea, estabelecendo uma sincronização do sujeito com o mundo. A consciência corporal⁵ adquirida na capoeira, possibilita ao capoeirista tomar consciência de si, de seu corpo, de seu potencial como instrumento de interação social.

Os objetivos da capoeira como manifestação cultural alinham-se aos objetivos da educação física escolar, pois ambas visam o desenvolvimento da psicomotricidade, elemento indispensável na omnilateralidade⁶ do ser humano. Em outras palavras, as múltiplas dimensões da existência humana requerem o cuidado sistemático não só com o corpo, mas também das interfaces do corpo com as dimensões social, emocional e espiritual dos indivíduos.

Podemos constatar, portanto, que a capoeira é uma arte que propicia o desenvolvimento integral do corpo. Os movimentos executados na dança da capoeira exercitam todos os músculos. Os participantes de uma roda, em pouco tempo podem constatar profundas mudanças em seus organismos. Dentre as diferentes mudanças são identificadas a diminuição da tensão, um acentuado aumento dos reflexos, além de um ganho considerável na própria força muscular.

Na lógica dos benefícios oferecidos pela capoeira ao corpo humano pode ser destacado o equilíbrio na manutenção do domínio do corpo, muitas vezes em posições extremamente difíceis. A destreza e a agilidade insurgem como consequência da prática da capoeira levada a sério. Em virtude do contexto de seu surgimento como instrumento de defesa, a rapidez nos movimentos se constitui como mais um ganho para o corpo. Os constantes exercícios acabam desenvolvendo nos praticantes uma grande capacidade de resistência física e muita coordenação motora, tanto na perspectiva de defesa, como de ataque.

Nessa perspectiva, autores que estudam a capoeira afirmam que além dos benefícios para o corpo, a capoeira contribui para o desenvolvimento da criatividade e do autocontrole. A capoeira

⁵ Segundo OLIVER, em “Um olhar sobre o esquema corporal, a imagem corporal, a consciência corporal e a corporeidade”. Tese de mestrado apresentada à Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas – 1995, corporeidade é a capacidade de o indivíduo sentir e utilizar o corpo como ferramenta de manifestação e interação com o mundo.

⁶ O termo omnilateralidade compreende o desenvolvimento integral do ser humano em suas potencialidades através do processo educacional.



propicia ao indivíduo aguçar a atenção, uma vez que sua prática exige concentração constante nos movimentos da roda. A persistência é outra contribuição, pois ninguém consegue adquirir a perfeição dos golpes de primeira. É necessário muito treinamento, o que acarreta passagens por diferentes estágios, também chamados de “cordões”. Muitos medos que desenvolvemos no cotidiano são superados mediante os exercícios repetidos e a segurança que o praticante vai adquirindo. Sua coragem é progressiva no processo dos movimentos corporais.

A prática da capoeira é um dos sinais de que vivemos em uma sociedade marcada pela diversidade cultural. Muitos desses traços culturais estão associados às matrizes culturais africanas. No entanto, os preconceitos arraigados no imaginário social têm sistematicamente menosprezado as contribuições oriundas dessas matrizes culturais. Nessa perspectiva, a capoeira como expressão cultural afro-brasileira passa por dificuldades em sua aceitação no processo educacional com uma atividade possível de ser ensinada e praticada.

Estudos sobre intolerância religiosa no Rio de Janeiro revelam que a prática da capoeira é confundida pelos alunos como uma prática de cunho religioso. Muitos alunos se recusam a participar das atividades propostas em virtude de preconceito. Atendendo às novas determinações da Lei de Diretrizes e Bases, a capoeira pode significar o resgate de elementos fundamentais da história do nosso povo, imprimindo significância corpórea à existência humana presente nas culturas afro-brasileiras.

Para além da dança e ou jogo da capoeira, a região é marcada também pela dança do jongo. São momentos de congraçamento cultural que envolve os que praticam a dança bem como os que assistem. Em nosso período de trabalho de campo estivemos em dois espaços de realização dessa manifestação cultural.

A visita à Fazenda da Ponte Alta esteve relacionada ao evento: apresentação do Grupo de Jongo “Sementes da África”. O mês de novembro, em virtude das comemorações alusivas à Consciência Negra, inúmeros grupos culturais e religiosos se articulam com o intuito de dar maior visibilidade às expressões da cultura negra na região. O grupo de Jongo Sementes da África já é tradicional na região por desenvolver tal manifestação cultural. A fazenda da Ponte Alta, hoje, um Hotel Fazenda, administrado por um professor de história tornou-se uma referência para visitas festivas nas quais o tema da história do negro no Brasil se coloca como ponto central. É um espaço muito amplo, aonde turista vem descansar e conhecer um pouco da realidade das antigas fazendas de café. Estão demarcados ostensivamente os espaços da casa grande, lugar dos senhores



ou dos barões do café, assim como a senzala, local onde viviam os negros escravizados. Existe um museu da escravatura, onde pode ser vistos os instrumentos de tortura utilizados pelo regime escravocrata. Na parte da fazenda onde funcionava o terreiro de secagem do café, hoje um enorme pátio gramado com grandes palmeiras, realizou-se a dança do jongo.

Inicialmente foi feita uma explicação pela senhora Eva Lucia, do que significa o jongo. “O jongo era a dança dos escravos... nasceu nas senzalas das fazendas de café”. Ela contou um pouco sobre a origem de sua família de jongueiros, e falou um pouco sobre a história dos negros no Brasil, quando os negros eram separados de seus familiares pelos donos de escravos. É feito assim uma contextualização do jongo como uma forma dos negros poderem conversar, conhecer, se entender e até combinar fugas. “... o jongo é uma dança da resistência do negro”.

A senhora Eva Lucia destaca ainda o que são e os significados dos instrumentos utilizados na dança do jongo (o tambor, o barril e a madeira que toca o tambor). Ela falou um pouco sobre a forma de dançar o jongo, a formação do casal para a dança, quando mudam os pares e sua dinâmica de mudança. De acordo com a fala de Eva Lucia, a dança se desenvolveu nas festas por questão de resistência. “É uma dança cultural de resistência (...) inclusive foi tombada como patrimônio histórico em 2005.

Os aspectos da religiosidade estão muito presentes, embora nas falas da senhora Eva Lucia, ela fizesse questão de dizer que nada tinha a ver o jongo com religião (macumba)” ...é uma dança cultural”. Entretanto, ela explica que a roda de jongo é aberta com cantos de rezas saudando os tambores e os ancestrais. “A gente pede licença”. Aí então se inicia propriamente a roda de jongo e o primeiro canto entoado foi: [Vamos rezar primeiro vamos rezar, Vamos rezar primeiro vamos rezar/ Pai Nosso Ave Maria, primeiro vamos rezar/ Vamos rezar primeiro vamos rezar, Vamos rezar primeiro vamos rezar/ Pra o Divino Espírito Santo, primeiro vamos rezar]. A expressão cultural revela a dimensão religiosa desde o seu início em uma alusiva demonstração da indissociabilidade entre cultura e religião na vida dos negros.

A cantoria continua e outros cantos vão passar a expressar a saga da vida do negro na história do país. [Oh mãe África vim lembrar meu cativo/Como chora o candongueiro, foi de tanto soluçar. Vai molhar o meu terreiro].

A necessidade de desassociar o jongo da religião nos pareceu mais uma das evidências de como funciona na sublimaridade o medo da expressão cultural ser entendida como “macumba”.



Tal rotulação obviamente assustaria os presentes desavisados e ainda com os preconceitos em relação à religiosidade de matriz africana arraigado no subconsciente.

O jongo vai atuar como mecanismo de identificação dos negros. Existe uma história que necessita ser contada, não pode ser escondida. Ela está explicitada nos corpos dos negros. E é assim que é entoado mais um canto do jongo. [Levanta negro quero ver seu corpo inteiro/Quero ver se tu tens marca do tempo de cativoiro].

As marcas do cativoiro não se apagam jamais. Elas não apenas ficam nos corpos, mas ficam na alma. Essa consciência dá força para o negro lutar. O mês da consciência negra é tempo propício para falar dessa realidade. O canto que se segue é uma demonstração dessa consciência, dessa luta e da esperança que se desenha. [Levanta negro cativoiro acabou/ Zumbi rei dos Palmares guerreiro libertador].

Todos esses e outros cantos são tocados aos sons dos tambores e dançados com uma jinga própria sempre entre um homem e uma mulher dançando no interior da roda, independente se grande ou pequeno, preto ou branco. Os participantes não jogueiros, que sentem vontade de dançar podem fazê-lo sem problema e ou constrangimento, seguindo as normas do jongo. Entram na roda e dançam em conformidade com suas qualidades rítmicas. Não tem um jeito único de dançar. Cada um dança do seu jeito. Ainda assim é perceptível na roda de jongo quando quem dança está familiarizado com tal prática cultural.

Na comunidade do Bairro Boa Sorte já se tratava de um dia diferenciado. Primeiro cabe destacar que essa comunidade entrou na nossa rota de trabalho em função da nossa visita em Ipiabas quando ocorreu o Festival de Seresta Chiquinha Gonzaga. No referido evento conhecemos uma professora negra, de dança negra, que nos convidou para um evento que aconteceria no dia 21 de novembro – mês da consciência negra - na comunidade do Bairro Boa Sorte. Tratava-se de um desfile de beleza negra.

Chegada a data então fomos à comunidade. Tratava-se de um dia de atividades naquela comunidade. Pela manhã aconteceu uma “ação social”. Nela, houve atendimento na área da saúde, jurídica, cortes e penteados afros, questão da ecologia e reciclagem, distribuição de mudas de plantas como Pau Brasil entre outras, atendimento de assistência social. Na parte da tarde as atividades eram de cunho cultural. Roda de pagode, capoeira, jongo e desfile de beleza negra.



Nessa comunidade, um dos mais antigos grupos de jongo da região merece destaque a presença da senhora dona Marina com mais de noventa anos. Ela é quem dinamiza o jongo no bairro. Seus filhos, netos e a comunidade inteira a reconhecem como uma verdadeira matriarca.

O grupo de jongo leva o seu nome “Jongo da Tia Marina”. O nome dela é tão importante para aquela comunidade, que eles se dividiram do outro grupo quando quiseram dar um outro nome ao grupo em virtude de apresentações que eles fariam para fora da região. Alguns entendiam que mudar o nome era uma afronta à história do jongo naquela localidade. Qualquer nome que suprimisse o nome de tia Marina não soava bem.

Ao ser perguntado sobre a importância do jongo na sua vida, Tia Marina respondeu: “o jongo é tudo na minha vida, não sei viver sem ele, só vou deixar o jongo quando eu for...”.⁷

Outro elemento interessante na comunidade do Bairro Boa Sorte é a quantidade de estudantes interessados nas questões relacionadas às africanidades. Nas áreas como história, psicologia, educação, enfermagem os estudantes estão conduzindo suas pesquisas e trabalhos monográficos abordando a temática.

Por último, mas não menos importante, há que se destacar ainda a presença dos remanescentes de quilombos na região. Diferentemente de algumas regiões no estado em que os negros desapareceram no período pós-abolição, o Vale do Café, ainda nos dias atuais é marcante a presença dos negros. Nessa região existiram inúmeros quilombos dentre eles um dos mais famosos do estado do Rio de Janeiro, o Quilombo de Vassouras, liderado por Manoel Congo. Na contemporaneidade o destaque quilombola fica reverenciado através do Quilombo de São José da Serra, situado em Santa Isabel do Rio Preto, distrito de Valença e referência histórica e cultural do Rio de Janeiro. É, segundo os próprios moradores, um lugar privilegiado de lutas e conquistas da comunidade negra local. É uma comunidade onde saberes ancestrais são preservados, vivenciados e ensinados por meio de práticas sociais e práticas religiosas de terreiros, como forma e estratégia de resistência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As múltiplas faces dos elementos que constituem a riqueza das identidades permeadas nas expressões culturais locais só confirmam a relevância de um pensar e de um produzir conhecimentos

⁷ Relato da vivência de Tia Marina no Jongo e o lugar que o Jongo ocupa na sua vida.



levando em consideração a interdisciplinaridade. A vida é interdisciplinar, as relações são interdisciplinares, a realidade é interdisciplinar. Nossa ação e intervenção em um contexto interdisciplinar possibilitam resultar um conhecimento pautado nos saberes interdisciplinares. Para tanto, torna-se indispensável a superação dos preconceitos.

Os preconceitos e a discriminação são impeditivos à vivência e à sociabilidade do ser. São realidades que bloqueiam a expressão do ser, assim como o impedem o desenvolvimento do ponto de vista do conhecimento, que vai desde a negação da oportunidade até a sedimentação de entraves psicológicos. Cria-se nessa perspectiva, processos de desconexão do ser com o mundo que o envolve e fundamentalmente com o seu mundo interior. É a chamada negação de si mesmo. Ao considerar um ser que nega a si mesmo, a sua dimensão corpórea não lhe permite estabelecer relacionamentos dignificantes enquanto ser humano.

Desencadeia-se se assim uma invisibilidade de si mesmo. A perda da consciência corpórea desvincula o ser de si mesmo. Em Marx essa perda de consciência aparece como alienação, ou seja, o indivíduo se torna estranho a si mesmo em razão das artimanhas do sistema capitalista. Isso encerra uma implicação extremamente prejudicial a sociabilidade. As idéias, os projetos e o sentido da vida são desvirtuados. Quando o indivíduo perde esse referencial, a relação que ele vai estabelecer com a sociedade estará obviamente desfocada do eixo da humanização. Como falar de amor a esse ser? Como falar de liberdade, de disposição para dar-se aos outros, se o que recebe dos outros são gestos e práticas discriminatórias, que só o diminui e o aniquila enquanto ser?

A negação, quando conveniente, dos aspectos culturais relacionados aos negros cumpre um papel político e ideológico, que constitui em desafio ético na contemporaneidade. Nesse sentido, o pensamento de Mondin (2005) é ilustrativo ao constatar a complexidade que está presente culturalmente na sua origem, na sua forma e na sua finalidade quando se trata das relações sociais.

Os aspectos identitários da comunidade negra estão diretamente relacionados ao exercício da dimensão da sua religiosidade, cujos elementos da africanidade constituem uma riqueza na sociedade brasileira. Podemos afirmar sem medo de errar que, enquanto afro-brasileiros, somos o que somos em virtude da nossa capacidade de resistir na história do país. Nessa resistência são perceptíveis as marcas da ancestralidade.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. *PARÂMETROS CURRÍCULARES NACIONAL: introdução aos parâmetros curriculares nacionais*, Secretária de Educação Fundamental, Brasília, 1998.
- BURKE, Peter (org). *A Escrita da Historia: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.
- CANDIDO, Gesinaldo Ataíde. Gênese e evolução do Programa Interdisciplinar de Pós Graduação em Recursos Naturais da UFCG. In PHILIPPI JR, Alindo & NETO, Antonio J. Silva. *Interdisciplinaridade em Ciência, Tecnologia & Inovação*. Barueri, SP: Manole, 2011.
- CARDOSO, Marcos. *O Movimento Negro*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2002
- HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A editora, 11ª edição, 2006.
- NORONHA, F. D. A.; NUNES Pinto, R. *Capoeira nas aulas de Educação Física: Uma proposta de Intervenção. Pensar a prática*: 123-138 jul./Dez.2004
- NOVAES, Ana Lúcia. *Ações Afirmativas e Ambiente Escolar: uma leitura sob o enfoque da promoção do senso de auto-eficácia*. In: ROCHA, José Geraldo da & SANTOS, Ivanir dos. (orgs). *Diversidade & Ações Afirmativas*. Rio de Janeiro: CEAP, 2007.
- OLIVIER, Giovanina. G. F. *Um olhar sobre o esquema corporal, a imagem corporal, a consciência corporal e a corporeidade*. - Tese de mestrado apresentada à Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (área de concentração: Educação motora) - 1995
- RAYNAUT, Claude. *Interdisciplinaridade: mudo contemporâneo, complexidade e desafios à produção e à ampliação de conhecimentos*. In PHILIPPI JR, Alindo & NETO, Antonio J. Silva. *Interdisciplinaridade em Ciência, Tecnologia & Inovação*. Barueri, SP: Manole, 2011.
- SILVA, Ana; DAMIANI, Iara (Orgs.). *Práticas corporais: Experiências em Educação Física para a formação Humana*. Florianópolis: Nauembla Ciência e Arte, 2005. 3 v.
- SILVA, Eusébio Lôbo. *O Corpo na Capoeira*. Campinas: Editora UNICAMP, 2008.
- SILVA, Jose Milton Ferreira. *A Linguagem do Corpo na Capoeira*. Rio de Janeiro: Sprint, 2003.
- TAVARES, Julio César. *Dança de guerra: arquivo-arma*. Dissertação de mestrado, Brasília: UnB, 1984.

*Recebido em março de 2013
Aprovado em maio de 2013*